

DEPOIS DA TEMPESTADE: DESENCONTROS NARRATIVOS ENTRE A COBERTURA JORNALÍSTICA DA *TELEVISÃO DE MOÇAMBIQUE* E DA *EURONEWS* SOBRE A PASSAGEM DO CICLONE IDAI POR MOÇAMBIQUE

AFTER THE STORM: NARRATIVES DISSONANCES IN THE NEWS COVERAGE OF *TELEVISÃO DE MOÇAMBIQUE* AND *EURONEWS* DURING THE IDAI CYCLONE IN MOZAMBIQUE

Tânia Machonisse

Mestre em Comunicação pela University of Southern Indiana (Indiana/Estados Unidos).
Estudante de Doutoramento em Ciências da Cultura na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real/Portugal).
E-mail: taniamachonisse@gmail.com

Fábio Ribeiro

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho (Braga/Portugal) e pela Universidade Autónoma de Barcelona (Barcelona/Espanha). Professor Associado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real/Portugal); Investigador Integrado no CICANT, da Universidade Lusófona (Lisboa/Portugal), e Investigador Colaborador no CECS da Universidade do Minho (Braga/Portugal).
E-mail: fabior@utad.pt

Fernando Moreira

Doutor em Cultura Portuguesa pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real, Portugal); Professor Catedrático na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real, Portugal). Investigador Integrado no CICANT, da Universidade Lusófona (Lisboa/Portugal).
E-mail: fabior@utad.pt

Recebido em: 8 de maio de 2024
Aprovado em: 19 de julho de 2024
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RPR | a. 21 | n. 2 | p. 69-94 | jul./dez. 2024
DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.3809>

RESUMO

A partir da teoria das representações sociais (TRS), bem como das teorias do agendamento social (*agenda-setting*) e do enquadramento noticioso (*framing*), foi desenvolvido um estudo sobre como a construção midiática se desenvolve a partir de uma agenda local e outra global. Recorrendo a metodologia da Análise Crítica do Discurso (ACD), foram analisadas um total de quatro peças jornalísticas produzidas, durante os primeiros dias após a passagem do ciclone Idai por Moçambique, em 2019, pela *Televisão de Moçambique* e pela *Euronews* (duas para cada meio de comunicação social). Desta análise resultam duas linhas de reflexão: 1) as fontes de informação foram selecionadas como mecanismo de visibilidade local, perante a omissão global da presença do Estado Moçambicano nas zonas afetadas; 2) O apelo à solidariedade como uma narrativa nacionalista local e "moralista" global. Este estudo apresenta ainda um breve debate sobre a (im)possibilidade de considerar o jornalismo humanitário como alternativa discursiva para a construção de abordagens mais equilibradas sobre a diversidade sociocultural entre países considerados como os centros do mundo e os da periferia. Por fim, este artigo sugere um maior investimento científico na teorização da possibilidade de um jornalismo colaborativo entre o centro e a periferia, entre o global e o local, entre os mútuos "outros", capaz de assegurar a construção e a representação da realidade sobre desastres naturais e crises humanitárias que enalteçam, de forma holística, os esforços locais e globais para prestar apoio humanitário e na reconstrução pós-desastre.

Palavras-chave: Representações sociais. Realidade. Jornalismo. Global. Local.

ABSTRACT

Based on the theory of social representations (SRT), as well as the theories of social scheduling (*agenda-setting*) and news framing, a study was developed on how the media construction is developed from a local agenda and another global agenda. Using the methodology of Critical Discourse Analysis (CDA), a total of four journalistic pieces produced during the first days after the passage of cyclone Idai by Mozambique in 2019 by the Mozambique Television and Euronews were analysed (two for each media outlet). Two lines of reflection result from this analysis: 1) the sources of information were selected as a mechanism of local visibility, in the face of the global omission of the Mozambican State's presence in the affected areas; 2) the call for solidarity as a local nationalist and global "moralist" narrative. This study also presents a brief debate on the (im)possibility of considering humanitarian journalism as a discursive alternative for the construction of more balanced approaches on socio-cultural diversity between countries considered as the centres of the world and those of the periphery. Finally, this article suggests a greater scientific investment in theorizing the possibility of a collaborative journalism between the centre and the periphery, between the global and the local, between mutual "others", able to ensure the construction and representation of reality about natural disasters and humanitarian crises that enhance, in a holistic way, local and global efforts to provide humanitarian support and in post-disaster reconstruction.

Keywords: Social representations. Reality. Journalism. Global. Local.

1 INTRODUÇÃO

Os média constituem um espaço democrático, acessível e imprescindível de informação sobre os diversos acontecimentos locais e globais, sem os quais as pessoas não teriam acesso ao conhecimento sobre a multiplicidade de possibilidades de experiências vivenciadas em realidades distantes. Neste contexto, o jornalismo constitui-se numa plataforma importante de produção sistematizada e credível de informação que permite a (re)produção dos discursos dominantes. O jornalismo permite a (des) construção de possibilidades de interpretações da realidade, tornando-se num veículo de formação da opinião pública (Moreno, 2003; Pereira Júnior, 2005; Semedo, 2005; Pereira Júnior 2006; Silveira; Marôpo, 2014). Conforme evidencia Alfredo Pereira Júnior, “o jornalismo assume hoje um imprescindível papel de mediação, garantindo deste modo a constituição de um sentido comum e a indispensável coesão social” (2005, p. 2).

Deste modo, o processo de produção sistematizada e institucionalizada de informação que o jornalismo assegura está imerso em contextos socioculturais e históricos aos quais representa. O exercício da construção e disseminação da realidade social reflete representações e significados sociais. É por meio das representações que os significados, simbolismos, sentidos e valores socioculturais encontram a sua operacionalização, legitimação e normativa informal (senso comum) e formal (científica), cabendo assim aos média o papel de veículo de disseminação, legitimação e harmonização das normativas socioculturais existentes (Castro, 2002; Crusoé, 2004; Prado; Azevedo, 2011; Hall, 2016). Como explica Nilma Crusoé, em “Teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação” (2004), a teoria das representações sociais (TRS) mostra-se fundamental para a compreensão dos processos de elaboração do conhecimento social que torna a ordem social possível dentro de uma diversidade de identidades numa sociedade. Deste modo, este estudo visa perceber de que forma o jornalismo tem contribuído para o entendimento social e político dos efeitos das crises humanitárias em regiões distantes da realidade ocidental e de que forma essas realidades são apresentadas para o mundo. Em termos metodológicos, o estudo se centra na análise comparativa e crítica do discurso da cobertura jornalística prestada pela *Televisão de Moçambique* (TVM) e a conceituada agência de informação *Euronews* sobre o ciclone Idai que afetou Moçambique (mas não só) em 2019. O estudo pretende explorar duas componentes teórico-normativas do jornalismo, a teoria do agendamento social (*agenda-setting*) e a teoria do enquadramento noticioso (*framing*) bem como as suas intersecções com a teoria das representações Sociais (TRS). Ademais, o estudo inclui a discussão sobre o conceito de jornalismo humanitário, como uma alternativa às normativas jornalísticas assentes nos ditames socioeconômicos vigentes, que possibilitaria uma abordagem mais humana focada na agência das pessoas afetadas, na

responsabilização e nas potenciais soluções para prevenir e mitigar o impacto de futuros desastres humanitários.

Sendo assim, nas próximas páginas apresenta-se a fundamentação teórica sobre jornalismo e construção da realidade social, através da TRS, cujo objetivo é compreender diversos pontos: a) de que forma os média (re)constróem os acontecimentos sociais; b) como é que os elementos discursivos são manipulados de maneira a tornarem-se compreensíveis para a sociedade para/nas quais essas organizações de média prestam serviço público de informar, formar e entreter.

2 JORNALISMO E CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL: CONTRIBUTOS A PARTIR DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

É necessário que exista e que se criem sentidos e significações interpretáveis por um determinado grupo social para que a coesão e o entendimento social se proporcionem. Uma ordem social harmônica apenas pode existir e coexistir dentro de um determinado espaço geográfico e social, no quadro de uma representatividade que por identidades iguais e diferentes. Como esclarece Stuart Hall (2016), no livro “Cultura e representação”, a representação social está ao serviço da cultura e das suas linguagens ou da linguagem que lhe fornece sentido. Assim, depreende-se que, na conceptualização de Hall, a linguagem, a cultura e a identidade são elementos essenciais para perceber a teoria da representação social ou o “sistema representacional” (Hall, 2016, p. 18). Para Hall, a cultura é o centro de toda a prática social, a linguagem representa o mecanismo de partilha e a representação social o processo explicativo. De forma mais precisa, Hall considera que

nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos (2016, p. 21).

Deste modo, faz-se importante aprofundar o conceito e preceitos da TRS a partir do seu principal pensador, o sociólogo francês Serge Moscovici (1925–2014). De acordo com Castro (2002:951), o interesse de Moscovici era perceber de que forma o conhecimento que permite o entendimento comum sobre a realidade que circunda a sociedade torna-se inteligível, aceite e naturalizado possibilitando a existência de uma ordem social hegemônica. Do mesmo modo, Alessandra Prado e Heloisa de Azevedo, no artigo “A teoria das representações sociais: Revisitando conceitos e sugerindo caminhos” (2011), explicam que Moscovici tinha por objetivo, desenvolvendo da TRS, compreender os caminhos que levam, por um lado, a existência do saber que orienta a vida em sociedade e, por outro, a forma como novos saberes são

incorporados dentro do coletivo social e passam a ser partilhados. Prado e Azevedo (2011, p. 5098) mostram que de acordo com Moscovici, "Para compreendermos de comportamento social, de como certas visões e ideias alcançaram determinado grupo, é preciso entender sobre representações sociais, sobre universos consensuais, sobre o movimento do não-familiar ao familiar". Assim sendo, afirma Crusoé (2002, p. 107), a TRS de Moscovici entende o conhecimento social ou o senso comum como produto e como processo. Tomando o conhecimento como produto, a TRS ajuda a decifrar como esse conhecimento já assimilado e partilhado socialmente (realidade familiar) influencia o comportamento e as atitudes sociais face a um determinado assunto inerente a essa realidade. De outro ângulo, considerando o conhecimento como processo, a TRS possibilita entender as fases pelas quais uma realidade, ainda não/pouco familiar dentro de um contexto social, percorre até tornar-se inteligível, socialmente compreensível e representada. De forma detalhada, "A Teoria das Representações Sociais abordada em termos de processo consiste em saber como se constroem as representações, como se dá à incorporação do novo, do não familiar, aos universos consensuais" (CRUSOÉ, 2002, p. 107). É precisamente a partir deste último ângulo que se desenvolve a maior parte do trabalho de Moscovici, pois assim se indicam dois elementos, a ancoragem e a objetivação, como sendo essenciais para compreender o ciclo de formação de um entendimento comum e partilhado sobre um objeto, realidade ou conceito não familiar num determinado contexto sociocultural.

De forma breve, Prado e Azevedo (2011, p. 5098) explicam que Moscovici define ancoragem como o processo de categorizar, rotular, conceituar, ou seja, "classificar e dar nome a alguma coisa". Este processo, explicam as pesquisadoras, é carregado de subjetividade cultural, pois tem como alicerce as crenças e os valores que orientam e formam sentido ao que se pretende tornar comum e familiar. Objetivação seria então o processo de associação desse conceito, desse nome e dessa classificação abstrata à algo material, à uma característica que possibilita concretizar o pensamento abstrato ao seu plano figurativo ou "núcleo figurativo". Assim, Prado e Azevedo (2011, p. 5099) explicam que "Muitas palavras estão em circulação na sociedade e buscamos dar-lhes sentido concreto. Nem todas as palavras podem ser ligadas a imagens. Por isso, selecionamos imagens porque podem ser representadas e integradas no que o autor chama de 'Núcleo Figurativo', que ele define como um padrão, um paradigma, um complexo de imagens que reproduzem um complexo de ideias".

A partir deste pressuposto, segue-se para o debate teórico sobre a interdependência entre o processo de representações sociais e o jornalismo enquanto uma das instituições sociopolíticas (ou seja, ao se constituir vigilante dos poderes sociais e políticos) que assegura a (re)construção da realidade social e a sua partilha dentro de contextos socioculturais locais e globais.

3 JORNALISMO COMO REPRODUTOR OU LEGITIMADOR DE UNIVERSOS HEGEMÔNICOS?

O jornalismo participa, junto de outras entidades socialmente estabelecidas, do processo de construção da realidade social através de regras profissionais e meios tecnológicos que permitem colocar à disposição das sociedades assuntos (agendas) de interesse público, com relevância para a orientação da vida quotidiana e para tomada de decisões coletivas e políticas que permitem projetar a diversidade cultural global numa perspetiva de globalização do conhecimento. Em seguimento, Carlos Moreno (2003), no seu estudo “Notas sobre as conexões teóricas entre mídia e representação social”, reflete sobre o facto de o jornalismo atuar dentro de esferas socioculturais, históricas, políticas e económicas que conduzem o exercício desta profissão, fazendo com que a construção da realidade social obedeça a estruturas simbólicas institucionais/normativas e ao mesmo tempo seja coerente aos processos de representações sociais vigentes. É dentro deste reconhecimento da existência de complexidades normativas e organizacionais bem como socioculturais na prática do jornalismo, que se estabelece a ligação entre o processo de construção da realidade social e a TRS. Dentre várias teorias de comunicação que guiam o entendimento sobre como os profissionais de mídia trabalham de forma a selecionarem ou distinguirem notícia de simples eventos quotidianos, o presente estudo cinge-se em duas dessas teorias, nomeadamente agendamento social (*agenda setting*) e enquadramento noticioso (*framing*) por se tratarem de dispositivos teóricos que mais se aproximam do processo de construção ou produção noticiosa e da sua relação com a TRS. Assim mesmo, as autoras Ana Sousa e Liana Rocha (2014, p. 263) providenciam um breve contexto histórico desta teoria, explicando que “A Teoria do Agendamento, ou do Agenda-Setting, foi apresentada por Maxwell McCombs e Donald Shaw, em 1972, em um estudo sobre eleições nos Estados Unidos. A ideia principal da teoria é que os meios de comunicação ‘agendam’ o pensar social”, na medida em que as preocupações que surgem retratadas no jornalismo tendem a coincidir com as dos cidadãos.

Porém, cabe destacar que o processo de agendamento social surge de normas organizacionais que permitem que de forma objetiva os profissionais de jornalismo possam definir e selecionar dentro de tantas possibilidades de temas quais os que vão merecer destaque noticioso e partilhados na esfera pública. Esses critérios são chamados de valor-notícia ou critérios de noticiabilidade. Um dado importante para o contexto deste estudo é que um dos critérios relaciona-se com a novidade ou pouco entendimento sobre algum fenómeno, levando a uma demanda pela audiência para procurar nos média informações e detalhes desse evento social. Aqui cabe então a relação entre a necessidade de tornar familiar assuntos ou temáticas não consensuais e o papel dos média em fornecer serviços noticiosos que permitam desvendar, interpretar, classificar, criar núcleos figurativos, ancorar ou simplesmente

representar novas realidades até então pouco ou superficialmente inculcadas no universo consensual da sociedade. Este pressuposto encaixa-se na citação “Aqui está o poder da comunicação: ao mesmo tempo em que cria realidades, ela pode silenciá-la” (Guareschim, 2000 *apud* Semedo 2005, p. 12). Pois, ao usar de critérios normativos de noticiabilidade para selecionar que assuntos vão merecer noticiabilidade, os mídia salientam determinados temas, ao mesmo tempo que silenciam (excluem) outros através do agendamento social.

Noutro ângulo, vale elucidar que o processo de saliência e silenciamento de notícias também acontece através do processo de enquadramento noticioso (*framing*) que consiste em os mídia interpretarem e representarem determinadas temáticas de modo a torná-las compreensíveis ao público/audiências fornecendo elementos linguísticos, textuais, verbais e visuais que constroem percepções padronizadas dentro dos valores sociais dominantes, excluindo – silenciando – assim valores sociais alternativos ou minoritários, igualmente existentes. Reforçando este pressuposto recorre-se a Telmo Gonçalves (2005) para sublinhar que “como qualquer enquadramento que delimita o mundo – escreve Gaye Tuchmann –, o enquadramento das notícias pode ser problemático. A vista através de uma janela depende de a janela ser grande ou pequena, ter muitas ou poucas vidraças, de o vidro ser opaco ou transparente, de estar virada para a rua ou para as traseiras” (Tuchman, 1978 *apud* Gonçalves, 2005, p.159). Rafaela Santos (2017) enaltece que a construção da realidade social através do jornalismo é um processo importante na ativação e preservação da memória individual e coletiva. Assim acontece porque sendo um processo de interpretação e formação de sentidos sobre a realidade social, o *framing* busca nos preceitos da memória coletiva elementos simbólicos que permitem produzir notícias dentro de contextos linguísticos, socioculturais e jornalísticos determinados espacial e temporalmente. Concretamente, “o jornalista [...] ao tornar um pedaço de informação mais noticiável, significativa e memorável para a audiência, aumenta a probabilidade dos recetores perceberem a informação, avaliarem o significado, processarem e armazenarem-na na sua memória” (Entman, 2010 *apud* Santos, 2017, p. 11).

Assim, recorre-se novamente às reflexões elaboradas por Semedo (2005) sobre as abordagens que o ocidente faz sobre o continente africano. O autor de “A construção da imagem da África pela mídia brasileira” é bastante exaustivo na sua tese de que a construção da imagem (representações sociais) sobre o continente africano recorre a uma lógica ocidentalizada. É a partir desta identidade ocidental que os jornalistas e o jornalismo internacional, dentro de um contexto mercadológico de produção e venda de notícias pelas agências de informação, definem as agendas sobre o continente africano e constroem representações sobre essas temáticas de acordo com as suas estruturas históricas, sociais, políticas e económicas. Assim, a realidade sobre o continente africano é representada como o Outro distante.

Semedo (2005, p. 13) postula que “A comunicação se transforma em instrumento de dominação, já que o ‘outro’ é definido a partir de um conhecimento não efetivamente vivenciado, mas sim mediado. O ‘outro’ passa a ser definido a partir de convicções de quem define. O ‘outro’ não se define, ele é definido”. Dentro deste postulado, Semedo indica ainda que as principais agendas e enquadramentos que os media televisivos brasileiros representam sobre o continente africano resumem-se a

fauna [...] lugar por excelência da vida selvagem”; “exotismo [...] as diferenças chocantes na organização e estrutura familiar aos olhos do ocidente”; “primitivismo [...] não mostra a vitalidade e dinamismo de grandes cidades, comuns a qualquer outra cidade no mundo, embora com especificidades regionais”; “afro-pessimismo [...] o continente é apresentado como sendo limitado, sem perspectivas de futuro, vivendo uma tragédia sem fim, marcada por uma violência inexplicável. O problema é que a mídia é incapaz de dar uma explicação cabal para àquela realidade. [...] Fala-se de um continente com se fosse de um país, de uma nação” e por fim; “paternalismo: os africanos são sempre retratados como subordinados e nada podem fazer sem a ajuda do ocidental, principalmente o europeu (2005, pp. 26-27).

De forma mais concreta e prática, o enquadramento noticioso sobre o continente africano segue uma vertente episódica e não temática. Carlos Franciscato e José Góes (2012) consideram que o enquadramento noticioso pode ser episódico quando a cobertura se centra no imediatismo, ou seja noticiar logo após o ocorrido o facto social, fornecer ao público informação pontual sobre os acontecimentos. Muitas vezes, este tipo de enquadramento apoia-se a fontes de informação presentes no momento do acontecimento e a fontes oficiais para poder cumprir com o objetivo de informar rapidamente e com os elementos possíveis naquele momento, o facto social. O enquadramento noticioso temático, por sua vez, cumpre a missão de fornecer informações mais contextualizadas e aprofundadas, sobre um determinado facto ou evento social. O enquadramento social temático é um esforço deliberado para fornecer a audiência um conhecimento abrangente no qual se respeitam e se visibiliza todos os possíveis quadrantes desse assunto. A realidade é, desta forma, construída sob vários ângulos e abordagens existentes dando ao público elementos para uma análise completa, histórica, causal e contextual sobre os assuntos.

Por fim, em “Estudos Culturais aplicados a pesquisas em comunicação”, Ana Moraes (2014), apoiando-se em Stuart Hall, reflete sobre questões de identidade e como estas se fazem funcionais quando em contacto com o diferente, com o “Outro”. Neste sentido, os preceitos coloniais continuam servindo de estrutura cultural e memória coletiva ativa usada para distinguir o ocidental/global do nativo/local. A realidade social continua assim gravitando entre um “centro” hegemônico e uma “periferia” definida (a realidade social) dentro de padrões ocidentais, sendo que o “centro” e a “periferia” se constituem

em elementos identitárias glocais. Simplificando: “‘Global’ neste sentido não significa universal, nem tampouco é algo específico a alguma nação ou sociedade. Trata-se de como as relações transversais e laterais que (Gilroy, 1993) denomina ‘diaspóricas’ complementam e ao mesmo tempo deslocam noções de centro e periferia, e de como o global e o local reorganizam e moldam um ao outro” (MORAES, 2014, p. 244).

4 O JORNALISMO E A DIMENSÃO HUMANITÁRIA: UMA ALTERNATIVA MAIS CONCEPTUAL DO QUE PRÁTICA

“não existe humanitarismo sem vítimas” (Fassin, 2011 *apud* Bergman, 2015, p. 12)

A citação de Fassin (2011) resume os dilemas da conceptualização do jornalismo humanitário e da sua (im)possibilidade prática. Assim acontece porque ao mesmo tempo que o jornalismo humanitário pretende ser uma alternativa às dinâmicas institucionalizadas de produção noticiosa que incluem o agendamento social e o enquadramento noticioso que contribuem para a naturalização do sofrimento humano, ele torna-se num meio de resistência à essas normativas e por isso pouco prático no contexto da lógica mercadológica vigente, não permitindo assim uma funcionalidade alternativa dentro das regras do jornalismo e dos critérios de noticiabilidade. Conforme explica Cilene Victor (2018), os média convencionais operando dentro de uma lógica mercadológica e amparados pelos critérios de noticiabilidade agendam e enquadram os desastres naturais numa perspectiva vitimizadora tanto das populações, como dos governos e das ONG, traçando assim uma abordagem na qual não poderia haver agência humana para minimizar ou prevenir o impacto de tais desastres climáticos. Cilene Victor (2018) propõe, por isso, um entendimento de que apesar de os desastres naturais não serem evitáveis; as crises humanitárias, porém, daí decorrentes serem preveníveis e responsabilizáveis:

Os desastres não são naturais, são construções sociais, violações dos direitos humanos e resultado da soma da magnitude de um evento com a vulnerabilidade de sua fonte receptora. As perdas humanas decorrentes de desastres não podem cair na rotina da normalidade porque elas não são pontuais, elas são frequentes, cotidianas, ainda que distantes dos centros que decidem quem será visto e quem será esquecido (Victor, 2018, p. 103).

Tomando em conta que “os desastres não são naturais, são construções sociais” (Victor 2018), inclui-se neste estudo a perspectiva teórica de que a construção noticiosa sobre os desastres naturais segue um “sistema representacional” (Hall, 2016), assente na culpa histórica do colonialismo que culminou

como subdesenvolvimento das nações mais pobres. Daí, o surgimento de um movimento dos média que mobiliza um sentimento global de dever “moral” ou reforça a crença de um sentido coletivo de pertença “a uma grande comunidade moral” (Fassin, 2011 *apud* Bergmany, 2015, p. 12) que visa a prestação de ajuda às populações vulneráveis aos impactos catastróficos dos desastres naturais. Encaixando-se assim o enquadramento noticioso perpetuado pelo ocidente que legitima o “paternalismo” (Semedo, 2005) através da dependência face ao ocidente para prover soluções para as crises no continente africano. Concretamente, “Fassin diz de modo irônico que lamentamos os mortos, mas celebramos a nossa generosidade, reforçando que apesar da amplitude dos desastres, que afetam a todos, ainda persistiria a ideia que o Sul precisa da ajuda do Norte para se reconstruir e sobreviver” (Victor, 2018, p. 12). Ademais, Cilene Victor e Lilian Sanches (2020, p. 242), no estudo “Crise humanitária e os deslocamentos internos por conflitos e desastres sob as lentes do jornalismo humanitário e de paz”, acrescentam que “Nesse sentido, a cobertura jornalística amparada na naturalização dos desastres, considerados normais ou inevitáveis, banaliza essas tragédias, invisibiliza e prolonga o sofrimento humano de vítimas da colisão dos fenômenos naturais adversos com a injustiça social - um desafio para a prática e os estudos no campo do jornalismo humanitário e de paz”.

Neste contexto, o jornalismo, preocupado com questões humanitárias, surge como uma possibilidade de mudança de paradigma, assente no pressuposto idealista de que “Toda a ordem social é construída pelos homens e mulheres que formam a sociedade. A ordem social não é natural e cada sociedade é que constrói a sua ordem social. Porque ela não é natural é possível falar em mudanças” (Bernardo Toro *apud* Aureliano, 2004, p. 22). Segundo Sofia Aureliano (2004), é possível desenvolver o jornalismo humanitário capaz de influenciar uma mudança nos valores socioculturais nos quais se fundamenta a ordem social vigente, a partir de uma base mobilizadora na qual a sociedade civil e os jornalistas pudessem desenvolver temáticas regulares humanizadas que ampliem as possibilidades de um entendimento social mais diversificado das realidades sociais. Este posicionamento de Sofia Aureliano constitui-se idealista, confirmando-se assim o pressuposto deste estudo segundo o qual o jornalismo humanitário continua restrito a um debate teórico e a uma plausibilidade prática discutível. Pois, na base da sua execução está o idealismo de que seria possível existir um jornalismo alheio e resistente às normativas que dão legitimidade e objetividade ao exercício desta profissão e colocar de lado as forças mercadológicas que também ditam o *modus operandi* das organizações de mídia. No olhar de Sofia Aurélio, por exemplo, parte desta possibilidade passa pelo envolvimento e consciência da sociedade civil e o seu engajamento com os média no sentido de contribuir para esta transformação. No entanto, como se demonstra, a própria autora mostra-se frustrada pelo fato de tal pressuposto ainda não encontrar a sua plausibilidade prática.

“Este entendimento de que a participação é o modo de vida da democracia reforça ainda a incompreensão, a dúvida sobre o porquê da nossa sociedade civil não aceder, tradicionalmente, aos estímulos para agir (de variada ordem, mas que no caso da mobilização para a ajuda humanitária é exponente máximo)” (Aureliano, 2004, p. 22).

5 METODOLOGIA

5.1 BREVE RETROSPECTIVA SOBRE O CICLONE IDAI

De acordo com a ONU News¹, um ciclone de categoria 4 – numa escala de 5 – atingiu Moçambique em 14 de março de 2019, continuando depois para os países vizinhos Zimbábue e Maláui. Seis semanas depois, aconteceu o ciclone Kenneth, que estendeu os danos ao norte do país. Apenas em Moçambique, as Nações Unidas estimam que 2,5 milhões de pessoas precisavam de assistência humanitária devido aos ciclones, secas e inundações.

A página web Reliefwe, na publicação “Aprender com o Ciclone Idai e o Ciclone Kenneth para Informar a Programação de Redução de Risco de Desastres a Longo Prazo em Moçambique”², detalha que a depressão tropical 11, precursora do ciclone Idai, trouxe fortes chuvas a Moçambique, causando inundações no Vale do Zambeze, nas províncias de Tete e Zambézia, no início de março de 2019. A tempestade, no entanto, não parou aí. Depois de um caminho invulgar, voltou para o Canal de Moçambique, onde rapidamente se intensificou e depois regressou à massa terrestre, à medida que o ciclone Idai atingia a cidade portuária da Beira, a 15 de março desse ano. A velocidade do vento de 180 km/h arrancou telhados de casas e edifícios e trouxe uma maré de tempestade de até seis metros para áreas residenciais e agrícolas de baixa altitude. Durante os dias que se seguiram, o ciclone Idai passou para o interior e para o Zimbabuê, onde libertou chuvas torrenciais que fizeram com que rios a jusante nas províncias de Manica e Sofala, em Moçambique, transbordassem, formando um “oceano interior”.

Por fim, sublinhe-se que Moçambique já enfrentou perto de duas dezenas de ciclones e tempestades tropicais nas últimas décadas, com destaque para: a tempestade tropical Ana, em 2022; ciclone Eloise (2021); tempestade tropical Chalane (2020); ciclones Idai e Kenneth (2019); ciclone Japhet (2003); ciclone Leon-Eline (2000) e o ciclone Nadia (1994).

¹ Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707341>. Acesso em: 24 jun. 2024

² Disponível em: <https://reliefweb.int>. Acesso em: 24 jun. 2024

5.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

De acordo com a sua página web³, a *Televisão de Moçambique* é o canal de televisão público de Moçambique. A emitir conteúdos desde 1981, o seu surgimento marcou o início da atividade televisiva em Moçambique, sendo por isso o canal mais antigo do país. Tem como missão a prestação de serviço público televisivo de alto nível, elevando cada vez mais a quantidade e a qualidade da informação sobre a atualidade nacional e internacional, apresentando uma programação mais identificada com os interesses e valores culturais dos moçambicanos e contribuindo para o acesso da maioria dos cidadãos à televisão. A *Televisão de Moçambique-EP*, abreviadamente designada por TVM, é uma realidade para cerca de cinco milhões de Moçambicanos, num país com pouco mais de 30 milhões de habitantes, segundo os censos de 2021. Perduram ainda na memória dos moçambicanos as primeiras imagens em movimento produzidas em Moçambique.

Seguindo a própria página web⁴, a *Euronews* nasceu da vontade de criar um canal de notícias europeu independente e forte. Como a única mídia internacional de notícias com uma perspetiva europeia, a *Euronews* é onde o mundo se volta para ouvir o que a Europa tem a dizer, com sede na cidade francesa de Lyon, França, com data de fundação de 1993. Hoje, mais do que nunca, o ADN europeu do canal está no centro de todas as operações. As reportagens da *Euronews* mostram a Europa e do mundo, oferecendo uma cobertura extensa de assuntos europeus, beneficiando-se de uma redação multicultural e multilíngue e correspondentes em todo o continente com experiência europeia incomparável. A sua identidade é exclusivamente europeia, mas a cobertura é exclusivamente diversificada. A redação global que inclui cerca de 400 jornalistas de 30 países diferentes; 15 idiomas cobrem notícias europeias e mundiais 24 horas por dia, em árabe, inglês, francês, alemão, grego, húngaro, italiano, persa, português, russo, espanhol e turco, com escritórios em Bruxelas, Atenas e Budapeste e uma rede de correspondentes em todas as principais cidades europeias, incluindo Berlim, Londres, Moscovo, Paris e Roma. Esse modelo de notícias multilíngue permite trazer perspetivas verdadeiramente globais para o público local, dando-lhes acesso a novas vozes e pontos de vista em seu próprio idioma.

5.3 A COBERTURA DO CICLONE IDAI PELA TVM E EURONEWS

O telejornal inicia-se com a notícia de que está interrompida a circulação rodoviária pela Estrada Nacional nº 6 em consequência da subida das águas na bacia hidrográfica da província de Sofala, severamente afetada pelo ciclone Idai, onde se localiza a cidade da Beira. O apresentador prossegue dizendo que esta

³ Disponível em: <https://www.tvm.co.mz/>. Acesso em: 24 jun. 2024

⁴ Disponível em: <https://pt.euronews.com/about> Acesso em: 24 jun. 2024

notícia será desenvolvida mais tarde e que, no entanto, subia para cinco o número de mortes causadas pela passagem do ciclone Idai na província central de Manica, próxima a de Sofala. Segue-se a peça e imagens que narram o facto de que apesar de as chuvas e ventos fortes terem abrandado, o impacto do ciclone Idai continua severo, com centenas de infraestruturas parcial ou totalmente destruídas, hospitais, estabelecimentos comerciais, casas e igrejas. As imagens documentam água por todos os lados e casas inundadas, pessoas de baixo de chuva e sem abrigo, caminhando em estradas alagadas. “Fonte oficial do INGC (Instituto Nacional de Gestão de Calamidades) em Manica explica que nas últimas 24h a precipitação aumentou para o dobro, o que causa aumento dos caudais dos rios”, pode ouvir-se na reportagem.

Figura 1 - Efeitos do ciclone Idai na cidade da Beira, Moçambique



Fonte: Frame da reportagem da TVM, de 16 de março de 2019 ⁵

O jornalista refere ainda que perto de 400 famílias foram afetadas diretamente pelo ciclone Idai, as quais estão sendo assistidas pelo INGC e que todas condições estão sendo criadas para acomodar as vítimas em centros temporários de acomodação. Em seguida, estabelece-se a ligação por telefone e em direto com o jornalista sediado na cidade da Beira, que inicia informando que quase todo o sistema de comunicação naquele ponto do país está condicionado. Depois, fala sobre o aumento de mortes de 20 para mais de 40 – dados preliminares – causadas por afogamentos, queda de tetos e de árvores. “O hospital da Beira registou a entrada de mais de 400 pessoas com ferimentos graves e ligeiros devido as

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vkd2JfKJmgk> Acesso em: 24 jun. 2024

chuvas e ventos fortes. A Estrada Nacional nº 6 está interrompida e já não é possível chegar-se a região central via terrestre”, informa-se. O governo da província está a monitorar a situação e a Direção Geral do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) esteve reunida para avaliar os níveis de intervenção necessários. Tendo acrescentado que o INGC possui capacidade para apoiar imediatamente mais de 40 mil pessoas embora sem certeza de que seja suficiente. Menciona-se ainda a existência de equipas oriundas da República da África do Sul que estão a prestar apoio e o apelo que está sendo feito para mobilizar gestos a nível nacional de solidariedade para com as pessoas afetadas. Há ainda a informação de que o Programa Mundial de Alimentação (PMA) apesar de dispor de capacidade de apoio não pode o fazer pois não é possível chegar à Beira por via aérea nem por via terrestre.

O telejornal prossegue com notícias e imagens diversas sobre os danos materiais causados na cidade da Beira, que ficou sem energia, o Hospital Central da Beira ficou sem o teto nalguns dos seus serviços, hotéis e instalações comerciais destruídos e escolas sem teto, levando o jornalista a considerar que estes “efeitos são imemoráveis na história da segunda capital moçambicana, Beira”. O telejornal segue com entrevista em estúdio do representante do INAM (Instituto Nacional de Meteorologia) que dá o informe sobre a previsão do estado do tempo e a situação do ciclone em Moçambique, informando que as chuvas continuarão caindo de forma preocupante durante os próximos quatro dias com efeitos para o aumento dos caudais dos rios na região centro do país. Mais de 40 minutos de informação sobre a passagem do ciclone Idai na província nortenha do Niassa e na província do sul de Moçambique, Inhambane, onde o INGC está a intervir. Segue mais para o fim desta temática no telejornal a informação de que o Presidente da República de Moçambique, Filipe Nyusi na sua intervenção por conta de uma visita efetuada ao Reino de Eswatini (antiga Suazilândia) que dentre outros assuntos, levava na agenda a assinatura de um acordo de apoio emergencial em casos de desastres naturais com aquele reino africano.

Figura 2 - Efeitos do ciclone IDAI na cidade da Beira, Moçambique. Imagens aéreas



Fonte: Frame da reportagem da TVM, de 17 de março de 2019 ⁶

O telejornal começa com imagens aéreas da cidade da Beira que mostram a magnitude dos danos causados, infraestruturas industriais, estradas e casas debaixo de água. De seguida, o apresentador entra em cena informando que o ciclone Idai causou 68 mortes nas cidades de Beira e Dondo (na província de Sofala). Informa ainda que o presidente da República da altura, Filipe Nyusi, e a então diretora do INGC Augusta Maíta sobrevoaram a cidade da Beira e estiveram em contato com as autoridades locais e com as pessoas afetadas pelo ciclone Idai. O destaque é dado para o encontro que o Presidente da República (PR) de Moçambique manteve com o centro operativo montado na Beira para prestar apoio às vítimas, no qual orienta que a prioridade deve ser salvar vidas humanas e encontrar centros de acomodação. Seguem-se imagens mostrando a interação que o PR Filipe Nyusi manteve com as pessoas acomodadas num dos hospitais da Beira, no qual as pessoas contam os seus dilemas. “Peço calma, paciência, não se agitem. Os médicos já existem (...) medicamentos até mais ou menos duas a três semanas vamos conseguir ter. Nós estamos convosco”, disse Nyusi. O apresentador do telejornal anuncia de seguida que a cidade da Beira está isolada do país via terrestre pois a Estrada Nacional nº 6, uma via estratégica, está cortada. Conforme

Caos total com a estrada nacional número seis literalmente partida e com graves sociais e económicas para as províncias do centro do país (...) a fúria da água engoliu,

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=odFuQyqgH3A> Acesso em: 24 jun. 2024

destruiu a espinha dorsal, a estrada nacional número seis (...) há registo de quatro cortes na estratégica estrada nacional número seis que liga o centro do país e os países do *Interland*. O chefe da República Filipe Nyusi descreve o cenário como dramático.

O apresentador segue informando que os danos causados na Estrada Nacional nº 6 dificultam o acesso àquela região, para que se entreguem medicamentos e alimentos às populações afetadas, mas que o chefe de estado garante que tudo está sendo feito para apoiar as vítimas. O telejornal prossegue com mais de 40 minutos de notícias, incluindo entrevistas em estúdio aos representantes do INGC e do INAM, focadas no trabalho que o PR e as instituições governamentais estão a fazer para monitorar a situação e garantir apoio para salvar vidas e distribuir alimentos.

Relativamente à cobertura da *Euronews*, podemos observar algumas nuances. A notícia inicia com imagens de destruição na cidade da Beira, árvores, casas, postes de energia que tombaram e pessoas andando na água. O narrador (jornalista) informa que pelo menos 73 pessoas morreram e milhares precisam de ajuda humanitária após Moçambique ter sido atingido pela passagem do ciclone Idai. “O chefe da diplomacia portuguesa, Augusto Santos Silva, informou que não há cidadãos portugueses que se encontrem entre as vítimas mortais da tragédia. 90% da cidade da Beira e arredores ficou destruído, informou a Cruz Vermelha Internacional”, informa-se.

Figura 3 - Ciclone Idai mata 73 pessoas em Moçambique



Fonte: Frame da reportagem da Euronews, de 18 de março de 2019 ⁷

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vxcmzMe_CnM Acesso em: 24 jun. 2024

Na entrevista, uma mulher vítima do ciclone partilha que a sua casa desabou e que perdeu todos os seus bens. Outro entrevistado explica que foi apanhado a conduzir nas proximidades de um dos rios e testemunhou viaturas que tombaram e algumas pessoas arrastadas pelas águas. De seguida, imagens da sede da ONU narrando que ações estão em curso para prestar apoio a Moçambique. Um dos representantes da ONU fala que a situação em Moçambique era preocupante, porque existia risco de afogamento, pessoas esmagadas ou com fraturas por causa das inundações e as doenças que se originam pelo excesso de água, devido aos danos causados nas infraestruturas principalmente sanitárias. Para fechar a peça noticiosa, o jornalista informa que a passagem do Idai por Moçambique, Malawi e Zimbabué causou perto de 200 mortos e desaparecimento de outras centenas.

Figura 4 - Ciclone Idai faz 350 mortos



Fonte: Frame da reportagem exibida no programa Euronews Noite, de 20 de março de 2019 ⁸

O apresentador informa que os números da tragédia não param de aumentar. Mais de 350 pessoas morreram devido a passagem do ciclone Idai por Moçambique, Malawi e Zimbabué. “O país lusófono foi o mais afetado e nos próximos dias pode vir a ter de enfrenar inundações nas regiões do Dondo e da Beira”, indica-se. Imagens mostrando lama, carros, pessoas adultas e crianças andando na lama. A jornalista narra aldeias devastadas, mais de 350 mortos confirmados e quase meio milhão de pessoas desalojadas que procuram comida e abrigo: “Moçambique continua a sofrer as consequências da passagem do ciclone Idai. As Nações Unidas deixaram esta terça-feira um alerta, os próximos três dias serão críticos para o

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZCVZ24Wn9Es> Acesso em: 24 jun. 2024

país”. Um comerciante diz que “se trata da força da natureza, nós de algum modo temos que acreditar, aceitar e encontrar depois das chuvas forças para nos erguer e avançarmos”. A jornalista prossegue narrando que até ao final de semana são esperadas chuvas fortes nas províncias de Sofala e Manica e diz haver risco elevado de inundações nas zonas urbanas da Beira e do Dondo, as mais afetadas pelo ciclone.

As imagens que acompanham esta narração são de salvamento através de helicópteros por parte de membros das Nações Unidas de populações, pessoas idosas. Prossegue informado que a caminho da Beira está também uma equipa portuguesa liderada pelo Secretário de Estado das Comunidades e que integra elementos da proteção civil, do INEM e do Instituto Camões: “O objetivo é realizar um diagnóstico rigoroso e definir os meios necessários para ajudar a população”. Esta narração é acompanhada de imagens que mostram aviões descarregando ajuda humanitária bem como pessoas afetadas numa escola que serve de acomodação.

5.4 APLICAÇÃO DAS TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO À COBERTURA MEDIÁTICA DO CICLONE

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é uma metodologia que tem por objetivo descortinar elementos linguísticos inseridos na representação social do mundo que, de forma visível ou invisível, estabelecem uma ordem social ao serviço de interesses hegemónicos que tendem a manter à margem realidades sociais minoritárias, através de um discurso dominante e legitimador dessa hegemonia sociocultural, política, económica e tecnológica. Desta forma, este estudo serve-se da ACD para identificar, descrever e interpretar os elementos discursivos presentes na construção da realidade social pelos média que sustentam a ordem hegemónica vigente de construção da realidade global de desastres naturais e crises humanitárias. Neste contexto, o artigo intitulado “Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica”, de autoria de Norman Fairclough, mostra a importância da ACD como um mecanismo metodológico que compreende o processo de formação de sentidos sociais como sendo um produto e reflexo de relações de poder sociais, nos quais os vários grupos de interesse da sociedade negociam ou disputam a sua legitimidade e espaço. Dentro deste espírito de transformação social, Izabella Martins (2019) entende que a ACD se constitui num projeto emancipatório através do desaperpear para as formas de como a linguagem serve de guardiã da ordem social promotora de relações sociais de poder desiguais. Portanto, a ACD “pretende aumentar a consciência de como a linguagem contribui para a dominação de umas pessoas por outras” (Martins, 2019, p. 314). Finalmente, Melo (2009, p. 9) elucida “A ACD é um estudo de oposição às estruturas e às estratégias do discurso das elites. Seus analistas são, normalmente, militantes sociais, intelectuais orgânicos que formulam propostas para exercerem ações de contrapoder e contraideologia a situações de opressão”.

Posto isto, o presente estudo descreve, por ordem cronológica ascendente, duas peças jornalísticas da *TVM* e duas da agência de informação *Euronews* (em português), produzidas nos primeiros dias após a passagem do ciclone Idai por Moçambique em março de 2019. Após a descrição, são identificados elementos discursivos que permitem inferir cargas ideológicas destes dois média local e global que representem elementos identitários das realidades das organizações de média onde estas televisões operam e que ditam a representação do ciclone Idai de forma mais ou menos distante de uma abordagem humanizada. Escolheu-se médias televisivas pois permitem explorar o discurso verbal, visual e escrito (manchete) e por isso torna a televisão mais rica em termos de representações sobre o ciclone Idai. Em particular, a *TVM* por ser a televisão pública em Moçambique (nesse sentido representativa de Moçambique) e a *Euronews* (português) por ser uma das mais influenciadoras organizações de média na Europa com abrangência global.

Desta forma, o processo de análise crítica dos discursos apresentado ajudou a definir principais temáticas de reflexão a partir de uma base comparativa entre as notícias veiculadas pela *TVM* e *Euronews* que permitiram, através dos preceitos teóricos apresentados ao longo deste trabalho, propor alternativas de representações de realidades globais associadas a crises humanitárias. Assim, é apresentada a análise crítica das notícias sobre o ciclone Idai através da descrição dos excertos noticiosos selecionados a partir do YouTube (acesso gratuito) que merecem análise crítica do discurso por via das teorias de representações sociais, *agenda-setting* e *framing*, bem como da proposta teórica do jornalismo humanitário igualmente discutida neste estudo.

5.5 ANÁLISE CRÍTICA DAS NOTÍCIAS SOBRE O CICLONE IDAI

Duas propostas de reflexão são sugeridas: a) fontes de informação selecionadas como mecanismo de visibilidade local e omissão global da presença do Estado Moçambicano nas zonas afetadas; b) o apelo à solidariedade como uma narrativa nacionalista local e "moralista" global.

- a) Fontes de informação selecionadas pela *TVM* e *Euronews* como mecanismo de visibilidade e omissão da presença do Estado Moçambicano nas zonas afetadas

Existe uma clara diferença entre as fontes de informação que a *TVM* e a *Euronews* selecionaram para credibilizar as informações. A *TVM* por ser a televisão pública moçambicana privilegiou as fontes governamentais e instituições estatais para fornecer informação credível sobre os efeitos do ciclone Idai, bem como para fazer o seguimento da evolução do ciclone no país. A referência ao PR (Presidente da República) de Moçambique, ao INGC (Instituto Nacional de Gestão de Calamidades) e ao INAM (Instituto Nacional de Meteorologia) como entidades que estavam presentes nas zonas afetadas, a avaliarem de perto a situação e a garantirem apoio às populações afetadas, visibiliza a presença do Estado

moçambicano nestas zonas que não ofereciam condições básicas como água, energia, vias de acesso e telecomunicações. Há uma preocupação em registrar as falas mais incisivas do PR de Moçambique como por exemplo “Nós estamos convosco”. Como também mencionar no olhar do PR de Moçambique a situação que se vivia na cidade da Beira (uma das cidades mais importantes de Moçambique, situada na província de Sofala, região centro do país) como “dramática”. Houve um esforço deliberado da *TVM* em construir a ideia de soberania, autonomia e proteção que o Estado moçambicano deve aos seus cidadãos. Igualmente, o recurso aos “núcleos figurativos” (Moscovici 2009 cit. por Prado e Azevedo 2011) ou objetivação dos elementos identitários do nacionalismo moçambicano estão presentes no discurso noticioso da *TVM*.

Quando o jornalista se refere a Estrada Nacional nº 6 como “espinha dorsal” que está “literalmente partida” constrói na audiência moçambicana a dimensão do isolamento que a região centro de Moçambique estava a passar por não poder se ligar ao resto do país e aos outros países africanos com os quais Moçambique partilha fronteira. Mas também, esta “espinha dorsal” representa uma infraestrutura importante conseguida pelo governo de Moçambique, um orgulho nacional que faz com que o país se una e que devido ao Idai foi comprometida esta união. Portanto, aplica-se aqui o pressuposto de Santos (2017) que enaltece que a construção da realidade social através do jornalismo é um processo importante na ativação e preservação da memória individual e coletiva. Assim, a Estrada Nacional nº 6 representa material e simbolicamente um bem social representativo da “matriz de identidade” (Moscovici, 2009 *apud* Prado; Azevedo, 2011) nacional dos moçambicanos. Ademais, existe uma narrativa que enfatiza à capacidade de resposta do Estado moçambicano face a “tragédia” e ao “caos”. As imagens da *TVM* mostram a presença do INGC, ou as fontes do INGC partilhando o trabalho que fazem para acomodar as pessoas, salvar vidas das pessoas e garantir mantimentos. Portanto, o debate sobre o local que molda o global e vice-versa, bem como o pressuposto básico de que a identidade é afirmada quando em contato com o diferente e o distante ganha materialidade ao se tornar visível a presença de peritos do INGC na Beira e em todos os locais afetados pelo ciclone. Ou seja, numa perspetiva local, interna do Estado Moçambicano, as instituições locais presentes servem para interagir com o pressuposto global de que Moçambique é uma nação soberana, dentro de várias outras nações globais. Pois, a presença de instituições estrangeiras no local (Sofala/Moçambique) reforça a necessidade de afirmação da identidade nacional, da capacidade local em relação (não comparativamente) a estrangeira. Entendendo-se que “Global” neste sentido não significa universal, nem tampouco é algo específico a alguma nação ou sociedade. Trata-se de como as relações transversais e laterais que (Gilroy, 1993) denomina ‘diaspóricas’ complementam e ao mesmo

tempo deslocam noções de centro e periferia, e de como o global e o local reorganizam e moldam um ao outro” (HALL, 2003 [1996], p. 109 *apud* Moraes, 2014, p. 244).

Por outro lado, a *Euronews* busca construir a realidade do ciclone Idai com base em fontes das Nações Unidas, principalmente do PMA (Programa Mundial de Alimentos) e do relato dos homens e mulheres que perderam os seus bens materiais devido ao Idai. Repare-se que nenhuma fonte oficial de Moçambique é mencionada nestas notícias. Portanto, o facto de não haver a presença visual nem oral das entidades nacionais envolvidas no processo de gestão dos impactos do Idai confirma o pressuposto de que na perspectiva colonial o “outro” passa a ser definido a partir de convicções de quem define. “O ‘outro’ não se define, ele é definido” (Semedo, 2005, p. 13). Igualmente, ao entrevistar os nativos focando nas suas perdas materiais, por exemplo: em entrevista a uma senhora vítima do ciclone partilha que a sua casa desabou e que perdeu todos os seus bens. Outro senhor entrevistado explica que foi apanhado a conduzir nas proximidades de um dos rios e testemunhou viaturas que tombaram e algumas pessoas arrastadas pelas águas. Entrevistado um comerciante, este diz que “nós de algum modo temos que acreditar, aceitar e encontrar depois das chuvas forças para nos erguer e avançarmos”; da mesma forma, as imagens de membros das Nações Unidas (raça branca) em missões de resgate a pessoas idosas reforçam a ideia do “afro-pessimismo” por meio do qual “o continente é apresentado como sendo limitado, sem perspectivas de futuro, vivendo uma tragédia sem fim, marcada por uma violência inexplicável. O problema é que a mídia é incapaz de dar uma explicação cabal para àquela realidade” (Semedo, 2005, pp. 26-27).

Nenhum dos entrevistados menciona ter recebido apoio das entidades do Estado Moçambicano, igualmente não há nenhuma questão por parte dos jornalistas que suscite aos entrevistados mencionar se tiveram ou estão tendo assistência humanitária local. Noutra ângulo, a questão da identidade ocidental dos jornalistas da *Euronews* está patente na construção da realidade social do ciclone Idai, ao mencionar a Cruz Vermelha Internacional: “90% da cidade da Beira e arredores ficou destruído, informou a Cruz Vermelha Internacional”, o PMA, a vinda do Secretário de Estado das Comunidades de Portugal para Moçambique com elementos da proteção civil, do INEM (Instituto Nacional de Emergência Médica de Portugal) e do Instituto Camões, os jornalistas estão buscando nas suas “matrizes identitárias” construir um sentido nacionalista e de capacidade de apoio externo. Fazendo todo sentido, dentre este e outros motivos (pois há uma grande comunidade de cidadãos portugueses em Moçambique) que uma das notícias mencione o facto de que “o chefe da diplomacia portuguesa, Augusto Santos Silva, informou que não há cidadãos portugueses que se encontrem entre as vítimas mortais da tragédia”.

b) O apelo à solidariedade como uma narrativa nacionalista local e “moralista” global

Esta reflexão toma como ponto de partida o pressuposto de que “os desastres não são naturais, são construções sociais” (Victor, 2018) e que “Nesse sentido, a cobertura jornalística amparada na naturalização dos desastres, considerados normais ou inevitáveis, banaliza essas tragédias, invisibiliza e prolonga o sofrimento humano de vítimas da colisão dos fenômenos naturais adversos com a injustiça social - um desafio para a prática e os estudos no campo do jornalismo humanitário e de paz” (Victor; Sanches, 2020, p. 242). Assim, tanto a TVM como a *Euronews* construíram as suas narrativas no sentido de naturalizar os desastres naturais e por consequência os seus impactos nas populações e infraestruturas, como se fosse inevitável a crise humanitária causada pela perda de vidas e bens materiais.

As duas organizações de média limitaram-se a descrever os impactos como “tragédia”, “impacto imemorável para segunda capital de Moçambique”, “caos”, “dramático”, “com graves implicações sociais e económicas para as províncias do centro do país” e; “situação crítica”. Não houve uma abordagem questionadora tomando em conta que Moçambique tem sido afetado regularmente por tais eventos climáticos, sobre que tipo de infraestruturas deveriam ser erguidas de modo a adaptar o país a estes fenômenos; que formas de prevenção de desastres humanitários podem ser instaurados pelo INGC e pelas agências humanitárias das Nações Unidas que atuam no país; como ter centros de acomodação que não sejam escolas, tendas ou outros improvisados e sim infraestruturas permanentes preparadas para acolher de forma digna e atempada as populações mais vulneráveis. O sentido de injustiça social que não se aborda nestes momentos de desastres naturais justifica-se com o facto de que, ainda sendo expectável que os ciclones causem perdas humanas e materiais, nada parece ser feito para evitar a gravidade do impacto e da crise humanitária subsequente aliada por exemplo a doenças, a falta de água potável, alimentos e lugar seguro e digno para abrigo. De forma mais específica a *Euronews* confirma a prática de ativar a “comunidade moral” para a necessidade de prestar apoio a Moçambique, “O PMA pede cerca de 35milhoes de Euros para ajuda o país, numa primeira fase. As imagens que acompanham esta narração são de salvamento via helicópteros por parte de membros das Nações Unidas de populações, pessoas idosas, na água; de seguida, imagens da sede da ONU narrando que ações estão em curso para prestar apoio a Moçambique”. Da mesma forma, a TVM investe no compromisso do Estado Moçambicano em garantir apoio aos seus cidadãos, configurando-se na promoção de uma identidade nacionalista e apelo à solidariedade, bem como a menção à solidariedade que os países africanos prestam à Moçambique, “tendo acrescentado que o INGC possui capacidade para apoiar imediatamente mais de 40 mil pessoas embora sem certeza de que seja suficiente. Menciona ainda a existência de equipas oriundas

da República da África do Sul que estão a prestar apoio e o apelo que está sendo feito para mobilizar gestos a nível nacional de solidariedade para com as pessoas afetadas”.

No entanto, é preciso também ter em conta que no momento de sofrimento humano seria indelicado e pouco ético mostrar “culpados” ou construir uma abordagem de responsabilização face a tamanha tragédia. Todavia, faz-se importante alguma contextualização e reflexão que pode ser abordada através da técnica de *follow up* ou jornalismo de seguimento por meio do qual os média retomam aos locais de desastre meses depois para avaliar o nível de reconstrução das zonas afetadas. Embora o estudo não tenha incluído outras televisões moçambicanas que serviriam de base para averiguar se não houve abordagem de responsabilização pela dimensão da crise humanitária causada pelo Iдай, é importante notar que a *TVM* é considerada uma televisão próxima do governo, sendo por isso de se esperar que tais enquadramentos não sejam explorados.

CONCLUSÃO

Este estudo pretendeu trazer uma reflexão sobre como os processos de representações sociais impactam na construção da realidade social através dos média, que por sua vez são veículos de legitimação de ideologias hegemônicas bem como de alternativas às mesmas. Este estudo discutiu também que a proposta de um jornalismo humanitário, como um projeto alternativo para garantir que os média possam ser um veículo mais democrático, justo e promotor de sociedades mais conscientes dos universos consensuais existentes, ainda é utópica.

Assim, cabe trazer pequenas notas de fecho que possam ajudar a planificar projetos de pesquisa nestas temáticas. Fica patente que há necessidade de um projeto jornalístico global que torne visível a presença dos Estados-nação nas abordagens sobre os desastres naturais. Nestes termos, seria interessante uma aposta na teorização da possibilidade de um jornalismo colaborativo entre o centro e a periferia, entre o global e o local, entre os mútuos “outros”, capaz de reconhecer, representar e visibilizar de forma contextual e mais próxima da diversidade de agentes nacionais e internacionais que colaboram para assistência humanitária. Assim, a construção e representação da realidade sobre desastres naturais e crises humanitárias seriam inclusivas e colaborativas, enaltecendo de forma holística os esforços locais e globais para prestar apoio humanitário e na reconstrução pós-desastre. Por fim, abordagens noticiosas locais que desnaturalizassem o sofrimento humano e a inevitabilidade das crises humanitárias decorrentes de desastres naturais se fazem necessárias. Criando espaço para representações, enquadramentos e agendas noticiosas sobre responsabilidade em relação a prevenção de crises humanitárias.

REFERÊNCIAS

AURELIANO, S. **O papel dos media na mobilização da sociedade civil para a ajuda humanitária.**

2004. 118 f. Monografia (Licenciatura em Comunicação Social). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2004.

BERGMAN, A. **O Humanitarismo e o Papel da Mídia na Sensibilização da População Mundial:**

Uma Análise de Campanhas da ONU. 2015. 66 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social).

Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

CAMPOS, L. A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências: um modelo analítico aplicado à controvérsia das ações afirmativas raciais na imprensa. **Opinião Pública**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 377-406. 2014.

CARDIA, W. **A influência da mídia na opinião pública e sobre a influência desta na mídia: o governo Lula em Veja e Época.** 2008. 450 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica.

CASTRO, P. Notas para uma leitura da teoria das representações sociais em S. Moscovici. **Análise social**, Lisboa, v. 37, n. 164, p. 949-979, 2002.

CORREIA, T. **Teoria e crítica do discurso noticioso: notas sobre jornalismo e representações sociais.**

Covilhã: LabCom, 2009. 205 p.

CRUSOÉ, N. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **Aprender-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, v. 2, p. 105-114, 2004.

FAIRCLOUGH, N.; MELO, I. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'água**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012.

FRANCISCATO, C.; GÓES J. (2012). Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo. **Revista Interamericana de Comunicação Mediática**, Santa Maria, v. 11, n. 12, 2012.

GONÇALVES, T. (2005). A abordagem do enquadramento nos estudos do jornalismo. **Revista de Comunicação e Cultura**, Lisboa, v. 05, n. 06, 2005.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2016. 134 p.

PEREIRA JÚNIOR, A. Jornalismo e representações sociais: algumas considerações. **E-Compós**, Brasília, 1, 2005.

LOPES, G. As redes sociais e os novos fluxos de agendamento: uma análise da cobertura da Al Jazeera sobre a Primavera Árabe. **Palavra Chave**, Bogotá, v. 16, n. 3, p. 789-811, 2013.

MARTINS, I. Reflexões sobre a análise crítica do discurso. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 313-321, 2005.

MELO, I. Análise Crítica do Discurso: modelo de análise linguística e intervenção social. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 1335-1346, 2011.

MENDONÇA, R.; TEMER, A. A agenda setting: os meios de comunicação como construtores da realidade social. **Comunicação & Informação**, Goiás, v. 18, n. 1, p. 192-207, 2015.

MORAES, A. Estudos culturais aplicados a pesquisas em comunicação. In: SOUZA, R.; MARQUES MELO, J.; MORAIS, O. **Teorias da comunicação: correntes de pensamento e metodologia de ensino**. São Paulo: Intercom, 2014. pp. 226-260.

MORENO, C. Notas sobre as conexões teóricas entre mídia e representação social. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 15-21, 2003.

PEREIRA JÚNIOR, A. Jornalismo e representações sociais: perspectivas teóricas e metodológicas. **Intexto**, Porto Alegre, v. 12, p. 1-12, 2005.

PRADO, A.; AZEVEDO, H. A teoria das representações sociais: revisitando conceitos e sugerindo caminhos. In: **X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-EDUCERE**, 2011, Curitiba.

SANTOS, R. **Análise dos processos de framing na cobertura jornalística de escândalos bancários-O caso do BES, Lehman Brothers, HSBC**. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade do Porto, 2017.

SEMEDO, E. **A construção da imagem da África pela mídia brasileira**. 2005. 44 f. Monografia (Bacharelato em Comunicação Social). Universidade Federal de Goiás, 2005.

SILVEIRA, P. & MARÔPO, L. Jornalismo e construção social da realidade. **Revista Comunicando**, Lisboa, v. 3, p. 7-19, 2014.

VICTOR, C. (2018). A opacidade do sofrimento humano decorrente de desastres sob a perspectiva do jornalismo humanitário. **Folios, revista de la Facultad de Comunicaciones**, Medellín, v. 40, p. 97-109, 2018.

VICTOR, C.; SANCHES, L. (2020). Crise humanitária e os deslocamentos internos por conflitos e desastres sob as lentes do jornalismo humanitário e de paz. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, São Paulo, v. 24, n. 24, p. 297-315, 2020.